

PALESTRAS

EVANGELIZAÇÃO E POLÍTICA

Fernando Altemeyer Júnior

É um prazer estar com vocês, com as comunidades e os amigos. Eu queria começar esta conferência, que vai ser muito breve, lembrando um fato que eu trago na alma dessa vinda de ontem de Ilhéus onde preparávamos o II encontro do ano 2.000 das comunidades. Eu estive com o grupo dos índios Quiriris sabendo dessa situação que todos viram nos jornais, onde um deputado federal do PFL que possivelmente vai ser reeleito, esterilizou toda a nação Quiriri. Esterilizando todas as mulheres, esterilizando inclusive de uma maneira brutal, não seguindo nenhum padrão legal da medicina, estourando todo e qualquer código de ética.

Então, eu queria colocar esta nossa reflexão sobre Política e Evangelho à luz destes sofrimentos genocidas. O Brasil já tinha matado só neste século, segundo esse nosso grande antropólogo, que morreu recentemente, o Darcy Ribeiro, 80 nações. E agora já temos a 81ª.

Então, teremos que nos penitenciar. Essa denúncia foi apresentada à OEA, esta semana, pelo CIMI. É para que a gente possa tentar punir estas pessoas, pois parece que nada vai ser possível, que nenhuma dessas mulheres tenha a sua operação revertida, parece ser de fato um crime de lesa-

humanidade cometido pelo governo baiano e por um deputado do PFL. Eu falo isso com a intenção clara de que ninguém vote em PFL aqui, porque partidos genocidas não merecem votos de cristãos, especialmente quando cometem algum pecado contra o Espírito Santo. E este é o pecado contra o Espírito Santo, quando você faz toda uma nação não mais existir. Outros já cometeram este pecado, e este pecado não tem perdão.

Queria falar do Evangelho em primeiro lugar para daí poder falar da Política. A própria concepção da palavra evangelização eu achei que está muito bem conectada ao cartaz e fiquei honrado com o convite.

1. FALAR DE EVANGELHO É FALAR DE DEUS PAI

Evangelho, em primeiro lugar, não tem implicação direta e explícita com Jesus, embora estejamos acostumados a dizer que Jesus é o Evangelho. De fato o Evangelho é o Reino. Jesus não é o astro da mensagem. Ele é o apresentador de algo maior que ele, no sentido de que é o Reinado do Pai como proclama o Salmo 98. Deus vem reinando e fazendo acontecer justiça ao pobres; e é esse anúncio que Jesus veio proclamar, então achei muito positivo que vocês tenham proposto uma semana falando e colocando a Evangelização conectada a Deus Pai, Deus Criador, Deus Salvador, Deus Reinante e à humanidade. Claro que no quadro faltaria a mulher, mas isso a gente perdoa como relações de gênero. As mulheres são as que mais perdoam. Na próxima vez virá um cartaz ampliado aqui.

É deste Deus que Evangeliza que nós falamos, porque afinal a ação da apresentação do Reino, como nos lembrava tão belamente Martinho Lutero, é graça de Deus, não construção humana em primeiro lugar. O Papa Paulo VI;

retomando esta intuição importante dos evangélicos, coloca na *Evangelii Nuntiandi* que o principal ator da evangelização é o Espírito Santo. Ele insiste nisso: que a gente seja colaborador dessa grande tarefa da manifestação de Deus na ação do seu Reinado. É sempre importante lembrar isso, Jesus não se anuncia, Jesus proclama o Reino numa tradição muito concreta, nas 3 tradições, quer sinóticas, quer joanina, quer no quinto Evangelho que é o de Paulo, onde, por assim dizer, nós temos a mesma proclamação.

Os Evangelhos apresentam, particularmente Marcos 1, 14, um Cristo que anuncia a Boa Notícia, a chegada do Reino, a completude desse novo tempo. Após a prisão de João Batista o texto faz umnexo importante entre ambos: sabendo que João Batista fora preso, Jesus começa a pregar dizendo que o tempo se completou. Então não é uma pregação desconectada como lembrava o Nadai [à época, Diretor do ITCR], não é uma proclamação sem conseqüências práticas e políticas para a vida do grupo de Jesus, é conseqüência da prática desse seu companheiro de caminhada, e possivelmente seu mestre, João Batista. Jesus conecta o seu anúncio de reinado do Pai à prisão de seu companheiro, o que não é muito fácil, sabendo o que significava a força herodiana e o que era o conflito político da época. Essa atitude de Jesus de proclamar o reinado de Deus após a prisão de um grande profeta é um gesto que nos faz pensar muito, especialmente nestes tempos em que a Igreja não tem muito este vigor de proclamação evangélica e que a gente perdeu um pouco destas nossas conexões com as práticas sociais daqueles que ainda estão sofrendo prisão. Falta muito amor aos pobres, essa caridade específica à vida dos pobres, esse anúncio é que tem uma conexão muito vinculante. João, trabalhará, também, na mesma linha.

Lucas apresentará o Evangelho de Jesus no seu primeiro anúncio como a manifestação clara da presença do Pai, simbolizado por esta pomba e esta voz que se manifesta: Este é o meu Filho muito amado é nele que eu anuncio, é nele

que eu tenho toda a minha complacência, todo o meu prazer. É o Deus que se revela, que se manifesta que é a essência da evangelização. Deus que se torna presente, vivo na vida dos pobres. Para usar a antiga expressão da Patrística: “A Glória de Deus está na vida do homem”, mas a vida do homem - isto é de Santo Irineu - é contemplar a Deus. E Oscar Romero completava isso: “A glória de Deus na América Latina passa pela vida dos pobres”. Não de qualquer homem, não de qualquer humanidade genérica, mas dessa humanidade sofredora, padecente, que precisa vislumbrar a Deus. É preciso ver a Deus, mas ver a Deus olhando os pobres. É preciso retomar uma expressão de Puebla: “O Cristo está presente no rosto dos pobres”. Esta é uma expressão visível do Deus que se manifesta.

Quando a gente fala de Evangelho, não está falando primeiramente de Jesus. Isto seria meio tautológico. Jesus falando dele. Ele não falou de si mesmo, ele falou da manifestação do amor de Deus, seu Pai, que convocara todos a viver de uma maneira nova. Citando palavras de Paulo VI: “Quando se fala de evangelização se fala de uma Igreja que procura ao mesmo tempo converter consciência pessoal e coletiva à atividade em que os homens se aplicam”. Ora, consciência, prática, é o meio concreto em que estes homens vivem. Isto é evangelização.

Não é só com palavras que se faz o anúncio, como muitos bispos vêm dizer a nós, hoje inclusive até à própria sociedade. Tem muitos bispos que dizem que a Evangelização é querigma, é o anúncio claro e explícito do Cristo vivo. Não, não é. É mais que isso, é o anúncio do Cristo vivo e atividade prática de conversão de vida (*metánoia*) e é o meio concreto em que esta mensagem é aplicada. Como vamos proclamar um Deus de amor e cantar, como lembrava Helder Câmara, “O Senhor fez em mim maravilhas”, se a pessoa está vivendo na miséria de uma favela, ou sob a exploração miserável de um salário indigno? É preciso também que as condições de vida mudem. Para lembrar um poema que a gente sempre dizia lá na faculdade, poema de Shakespeare: “Me tiram a vida, se me

tiram os meios de viver”. Isso na verdade não é de Shakespeare, na verdade ele toma isso do livro do Eclesiástico: “Se me tirarem o pão vocês não estão me roubando, vocês estão me matando”, diz o profeta. Então é preciso que o nosso anúncio de Evangelho seja anúncio claro de um Deus ciumento pela vida dos pequenos; de um Deus zeloso. Importante: este zelo de Deus, não é um zelo pela instituição religiosa, não é um zelo por uma oração bem ou mal feita, é um zelo para que as pessoas tenham vida, vida plena, uma vida digna e vida que seja mais vida.

Então, falar de Evangelho, em primeiro lugar, é falar do Deus Pai, é ele quem fala primeiro. E ele fala do Evangelho apresentando claro, apresentando o seu Filho como “o anunciador”.

2. FALAR DO EVANGELHO É ASSUMIR A PRÁTICA DE JESUS NO SEU CONTEXTO

Em segundo lugar, falar do Evangelho significa assumir a prática de Jesus no seu contexto. Jesus nunca utilizou a palavra Evangelho. Evangelho não é vocabulário de Jesus. Evangelho é uma palavra grega, Jesus mal falava aramaico. Então, Jesus está num outro contexto, o que ele está falando é da chegada do Reino dos Céus da penetração profunda de uma mudança que parte da vida dos pequeninos, no novo jeito de viver.

Quem vai falar de Evangelho umas 70 a 80 vezes é Paulo. Paulo vai falar de Evangelho. Paulo é um homem urbano, ele fala e utiliza esta palavra, que é uma palavra técnica do vocabulário do anúncio imperial, daqueles que vão trazer a notícia. Evangelho é notícia do arauto do Império, e ele vai acoplar esta palavra daqueles que a proclamam no mundo grego, para dizer: agora vem uma nova notícia política e essa

nova notícia é a comunidade dos pequeninos. É impressionante como Paulo faz o processo evangelizador da mensagem de Jesus chegar a toda a Ásia Menor e a todas regiões mais distantes, quer pela sua mensagem* missionária de quatro viagens, quer através de seus enviados. Ele gasta 18 meses da sua prática pastoral em um porto em Corinto, trabalhando com os escravos, hoje os estivadores de portos. Porque conectado esse sujeito evangelizador, essa mensagem atingia todos os grupos daquilo que na carta aos Corintos ele chama de “aqueles que ninguém quis escolher entre vocês”, pois não há sábios, não há ricos, não há poderosos, há gente muito simples, mas gente muito eficiente em transmitir a experiência de Jesus.

E qual a experiência de Jesus? O Concílio Vaticano II vai dizer que a experiência de Jesus fundamental é a liturgia, ela é o cume, o clímax da Igreja. Eu diria, para não discordar do Concílio Vaticano II, para não me tornar herético, que a liturgia é só o símbolo de algo mais profundo que é a experiência de criar comunidade de partilha.

Aí está o segredo de Jesus, o segredo não é litúrgico, é prático. O litúrgico expressa o prático. Jesus cria uma comunidade capaz de compartilhar e compartilhar a partir da simplicidade de vida mas também da dedicação profunda de crer que o Evangelho de fato é a grande alegria e a grande riqueza.

“Vocês”, diz Paulo, “carregam um tesouro em vaso de argila”, mas quem encontra esse tesouro dá tudo o que tem para ficar como ele. E esse tesouro é essa amizade, de saber que na vida comunitária você tem nome e sobrenome, identidade, você tem afinal o reconhecimento de que você é gente. Aí está o valor maior de Jesus, Ele chama as pessoas pelo nome, ele as incorpora no mundo como pessoas, ele toca nas pessoas.

Aquela passagem para mim é exemplar: Lucas, capítulo 8. Ele vai indo curar uma menina, filha de um alto funcionário imperial de quem ele não podia nem chegar perto, no

caminho uma mulher toca no manto pedindo a ele pelo toque, não pela palavra. Veja como o Evangelho passa por outros caminhos que não só os verbais. Pedindo a ele no toque, no toque erótico na ponta do manto pedindo que Jesus a curasse de uma hemorragia de uns 12 anos, os mesmos 12 anos da menina. E Jesus pergunta para os discípulos: “Alguém me tocou?” Pedro disse: “O Senhor vai se preocupar com toques, com um toque, temos coisas mais importantes para fazer”. Aí a mulher fala e fala em público e vai falar de hemorragia. Falar de hemorragia, hoje, para uma mulher, já é demais numa sociedade à beira do 3º milênio, porque quem é que vai ficar falando de corrimento, menstruação que não pára? E fala na rua e fala em Israel no século I, dizendo que estava curada por um toque de um camponês analfabeto que mal falava aramaico cercado de 12 apóstolos, gentinha iletrada, onde já se viu!

Essa mulher manifesta que ela entendeu de Evangelho, porque ela entendeu de comunhão com o Cristo vivo, porque ela entendeu de partilha e ela fez o diálogo com Jesus Cristo e Jesus Cristo diz: Vá em paz, a tua fé te curou. Eu ainda me impressiono quando leio este texto. Notem que não foi a fé de Jesus que curou a mulher, foi a fé da mulher que a curou, foi uma fé de sensibilidade, de comunhão, uma comunhão, quem sabe, que foi uma das mais profundas que todo o Evangelho pode mostrar.

Mais profundo que isso, somente o Evangelho de Lucas falando do papai que abraça o filho quando volta para casa. Mas isso é parábola, enquanto a outra foi uma experiência histórica. Quem sabe está aí um segundo segredo da evangelização: o Evangelho é anúncio de uma pessoa que recupera a sua dignidade, e não espiritual em primeiro lugar, mas dignidade de saúde.

Mas vocês sabem que no hebraico, saúde, *shalom*, é tudo junto, é como saúde no sentido mesmo do latim, salvação, saúde tem que vir junto. Então, na medida que o anúncio do Evangelho fala de saúde, não é só de pessoas, mas de saúde

de povos, saúde política de uma nação, dignidade humana, e isso é o que a gente diz na palavra “cidadania”, a saúde política de um povo. O Papa Pio XI, em 18/12/1927, já dizia que a melhor forma de amar é fazer política, é a mais alta caridade, é a sua mais alta expressão. Muita gente diz que foi Paulo VI, mas foi Pio XI em 1927, falando para os grupos de Ação Católica da época, inclusive bem conservadores, e lançando esta aposta de que o Evangelho é esta penetração profunda na vida prática das pessoas a partir da prática de Jesus.

Portanto, nós não repetimos a prática de Jesus, mas nós voltamos àquela experiência prática para retomar a prática de Jesus nas nossas comunidades. As nossas comunidades devem ser também de novo terapêuticas como Jesus, devem ser de novo sensíveis como Jesus, devem ser de novo preocupadas com a totalidade da saúde de todas as pessoas que delas participam e especialmente da saúde de todo um país como o nosso que anda profundamente enfermo; enfermo da dignidade política, enfermo da dignidade física de nossa gente.

Eu acabo de vir da Bahia, 250.000 desempregados só na zona cacauzeira, então você passa por Salvador e todas as crianças estão pedindo dinheiro na rua. E você vê uma nação colocada na miséria ufanisticamente, dizendo que está tudo bem. E a América Latina perdendo de 30 a 40%, neste ano, de suas bolsas, enquanto a Bélgica sozinha teve lucro de 30% só neste ano na sua bolsa. Então nem tudo vai mal, alguns vão bem às custas da maioria que vai muito mal.

Então, é essa prática de Jesus que colocou em xeque todo um sistema, e por isso ele foi morto, que continua sendo feita por cristãos na América Latina. Continua sendo feita esta mesma prática de sensibilidade, de comunhão, de partilha, levando pessoas para a morte e morte de cruz. Dizia tão belamente Jon Sobrino: “Os crucificados de hoje atualizam a cruz de Cristo de ontem”. Fazendo, a partir dele, uma contraposição, eu digo que “os cristãos de hoje precisam arrancar da cruz os crucificados de hoje para que de novo Jesus

ressuscite hoje”.

Somos nós os responsáveis para que aqueles que estão na cruz sejam tirados desta cruz. E uma maneira de tirar as pessoas da cruz é fazer ação política, fazer a ação cidadã acontecer particularmente nas eleições, mas não só, em todos os movimentos sociais que podemos viver.

3. MUDAR DE DEUS A CADA DIA PARA SER FIEL AO EVANGELHO

Para terminar esta pequena fala. Um terceiro e grande desafio, eu me lembro da expressão bonita e bastante polêmica de Dom Pedro Casaldáliga, que ele diz sempre quando me encontra, me perguntando: “E aí Fernando, você já mudou de Deus hoje?” Ele, Dom Pedro, diz que a gente tem que mudar de Deus cada dia, porque se Deus fica muito estático, parado, ele começa a virar um Deus domesticado, e quanto mais estático e parado, mais idolátrico se torna um Deus sempre à frente, um Deus sempre dinâmico, um Deus sempre questionador e questionador de nossas práticas e questionador inclusive de nossas ações em todos os níveis. No nível de nossa vida pessoal, de nossa vida eclesial e de nossa vida política.

Não é sem razão que um dos grandes profetas do exílio, Ezequiel, que fez a maior revolução no pensamento teológico de sua época, fazendo a Arca da Aliança ser carregada por querubins para a Babilônia. Tirou Deus de Jerusalém, vejam que loucura, ele sonhou que os *querub* que eram os seres angelicais, antropomórficos, seres alados da Assíria, pegavam a Arca e levavam nas costas até onde o povo estava (Ez 10, 18-22). Não era o povo que ia para Jerusalém, era Deus que vinha visitar o povo onde o povo estava sofrendo. Deus anda atrás do povo, Deus muda de opinião, Deus quer pensar de uma forma

nova.

Não é à toa que este mesmo homem que realizou esta revolução teológica, diz no capítulo 34 de seu livro, criticando a instituição religiosa de seu tempo: *"Ai dos pastores de Israel que se apascentam a si mesmos! Não devem os pastores apascentar o seu rebanho? Vós vos alimentais com leite, vos vestis de lã e sacrificais as ovelhas mais gordas, mas não apascentais o rebanho! Não restaurastes o vigor das ovelhas abatidas, não curastes a que está doente..."*

Então, aqui está uma palavra que talvez seja das mais atuais nesta eleição aqui em São Paulo, onde nós corremos o risco de ter que votar em dois lobos, até o momento. Um que fala inclusive de Deus, porque há lobos inclusive que cantam, cantam "segura na mão de Deus" - eles são cantores exímios - e há lobos que não são santos mas se fazem de santos... Se nós chegarmos a esse limite nós teremos que pensar de novo qual é o papel da Igreja no anúncio claro e esse anúncio como diz o Papa Paulo VI se faz sempre pelo testemunho de vida e se faz sobretudo pela busca de algo que seja de fato uma boa notícia aos pobres e os pobres precisam dela porque o que se vê na televisão é um consenso tão brutal a favor da dominação que dá dó de ver televisão.

Bóris Casoy chega a ser asqueroso, de tão consensual e de tão submisso: o que é a imprensa brasileira hoje, em função do poder do dinheiro e da hegemonia neoliberal! No entanto, como lembrava os antigos, ainda há um resto de Israel que mantém sua fidelidade, mantém sua fidelidade porque ainda acredita nesses pequenos gestos dos pequenos, mas pequenos gestos que já são sinais de grandes coisas, para lembrar o Evangelho de ontem (domingo, 20/09/1998): quem é fiel no pequeno será fiel no grande.

Nós estivemos em Ilhéus e cada membro da coordenação nacional de CEB's - estavam todos os Estados lá - contou, em cada estado brasileiro, quais estão sendo as lutas

de resistência das comunidades de base de todo o Brasil: romarias de terra, romarias da água que agora é em Minas Gerais, a romaria da água e da terra para salvar a água também do planeta. E essa romaria foi no vale do Jequitinhonha com 20.000 pessoas Não saiu de nenhum lugar importante do planeta e no entanto foi um gesto litúrgico e evangelizador lindíssimo, o povo ficou emocionado com esta presença, essa fidelidade. E a última romaria que agora acabou de ser celebrada essa semana em Santa Catarina com milhares de trabalhadores debaixo de uma chuva feroz, porque foi uma semana inclusive de grande granizo, e tudo isso. E o povo plantou mais uma vez a árvore de cedro para lembrar o contestado e a esperança de que quando você planta a cruz de cedro no chão, aquela árvore brota, nasce, e aquela terra se torna de novo terra santa, terra de Deus.

Eu espero que essa nossa fidelidade ao Evangelho que é o anúncio da vida de Deus possa continuar e se manifestar não só nessa eleição muito difícil e é neste contexto de grande sofrimento do povo brasileiro, mas também da nossa fidelidade enquanto leigos, religiosas e inclusive sacerdotes e futuros sacerdotes ao lado dos pobres.

4. FIDELIDADE À CONSCIÊNCIA POLÍTICA E À CONSCIÊNCIA RELIGIOSA

Quando eu ia me ordenar padre, já faz 14 anos, eu fui com Dom Luciano, que foi o bispo que me ordenou, visitar o Florindo que era um amigo nosso que estava morrendo de câncer, um câncer desses violentos que apodrecia a perna. E ele era o maior líder da comunidade São Rafael, da paróquia onde eu era diácono. E ele sofria muito, pois eram dores profundas, nem mais com morfina era possível conter e bloquear

a dor e nós fomos lá nos últimos dias, praticamente muito perto de minha ordenação falar com ele para levantar a moral. Eu disse: “Dom Luciano, nós precisamos ir lá porque eu não creio que ele irá conseguir chegar até a minha ordenação”. Ele já tinha ido na minha ordenação de diácono e eu não acreditava que ele fosse chegar até minha ordenação, como de fato não chegou. E aí naquela semana fomos, e aí nós dois nos pusemos na tentativa de querer falar, e ele disse: “Não, não, vocês dois são servidores dos operários e agora quem vai falar sou eu”.

Ele ficou dando meia hora de orientação como Dom Luciano devia ser bispo, e obviamente que ele, Dom Luciano, cumpre a rigor. E até hoje eu não acertei muito o passo com o que ele me pediu.

Ele pediu só duas coisas para mim: a primeira, que eu continuasse sendo brincalhão, animado, jocoso, porque ele achava os padres sempre meio horrorosos, falando de Jesus Cristo na cruz, parece até que Jesus Cristo só ficou na cruz morto! Porque os padres, nos sermões, só enterram Jesus, nada pode ser tão traumático, o que alguns, com a linguagem do “oremos” torna ainda pior, e aí, haja ... para agüentar. E, continuando, disse-me: “E você, animado, hein? Porque Cristo está vivo, então é hora de dar risada”. Eu achava isso muito interessante, porque isso me lembrava o profeta Sofonias, a palavra final de Sofonias, no capítulo 3: Deus é quem vai dar a última risada, a última risada é de Deus, não é de quem matou Jesus, não é de quem mata os profetas.

E a segunda coisa que eu gostaria de compartilhar com os que vão ser padre. Ele falou assim: “Olha, rico já tem advogado e os que não têm eles compram, rico já tem terra e os que não têm eles compram, rico já tem médico e os que não têm eles compram, rico....” E aí ele fez uma listinha do que os ricos tinham, e aí ele falou: “Os pobres precisam de um advogado e defensor: o padre. Os padres não têm que ficar do lado dos ricos, os padres não têm que ficar do lado dos poderosos, os padres não têm que ficar no poder. O único lugar do sacerdote

é sendo companheiro dos operários, sendo companheiro dos favelados, sendo companheiro dos pequenos, porque estes não têm ninguém que os defenda”.

Então eu tomei isso a sério porque eu sou filho de operário, meu pai é eletricitista, e antes de eu ser padre eu sei que eu sou filho da classe operária e essa é minha honra porque essa foi a luta de meu pai para que eu também pudesse ter estudo. Então, eu dou muito valor à minha consciência de classe e à minha consciência política antes da minha consciência religiosa.

Mas, eu sei que minha consciência religiosa tem que estar ligada a este nexos e a esta opção que é mais que uma opção, é quase que uma fidelidade. Vocês aí têm grandes compromissos, principalmente quem é negro ou quem vem das classes populares, de não traí-las! Infelizmente, muitos dos meus companheiros que vieram das classes populares hoje estão fazendo o anti-Evangelho e se aburguesaram.

Eu espero que nós possamos nesta semana continuar anunciando um Evangelho que seja de Deus e um Evangelho que seja vida dos homens. Muito Obrigado.

Padre Fernando Altemeyer Júnior é Mestre em Teologia pela Universidade Católica de Louvain-la-Neuve, Bélgica. Professor na PUC-SP e na Escola Dominicana de Teologia, São Paulo. Vigário coadjutor de Comunicação da Arquidiocese de São Paulo. Transcrição do texto a cargo de Reginaldo Schivo, do 2º ano de Teologia do ITCR da PUC-Campinas.

1. The first part of the document discusses the importance of maintaining accurate records of all transactions. It emphasizes that proper record-keeping is essential for the integrity of the financial system and for the ability to detect and prevent fraud. The text notes that records should be kept for a minimum of seven years and should be accessible to authorized personnel at all times.

2. The second part of the document outlines the specific procedures for recording transactions. It details the steps for entering data into the system, including the use of standardized codes and the requirement for double-entry accounting. The text also discusses the importance of regular audits and the role of internal controls in ensuring the accuracy of the records. It states that all transactions must be supported by appropriate documentation and that any discrepancies should be investigated immediately.

3. The third part of the document provides a summary of the key points discussed in the previous sections. It reiterates the importance of accuracy and the need for strict adherence to the established procedures. The text concludes by stating that the goal is to ensure that the financial records are reliable and that the organization is able to make informed decisions based on accurate information.